

# REFLETINDO SOBRE A GAGUEIRA DE UM PUNTO DE VISTA LINGÜÍSTICO

Célia R. Carneiro

Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)– Universidade de Campinas (UNICAMP)  
Pós-Graduação- celiacarneiro@uol.com.br

**Resumo.** O objetivo deste trabalho é olhar a gagueira, em especial a gagueira infantil, de uma perspectiva lingüística. Proponho aqui uma análise da gagueira a partir da compreensão do duplo caráter da linguagem conforme Jakobson, que ressalta a importância e a contribuição para a lingüística e para a compreensão das perturbações da linguagem que podem resultar da “aplicação de critérios puramente lingüísticos na interpretação e classificação dos fatos da afasia”. Não há como fazer um paralelo entre as duas patologias: gagueira não é desordem de linguagem de mesma natureza da afasia. No entanto, uma análise a partir dos dois eixos (sintagmático e paradigmático) pode trazer informações relevantes sobre o funcionamento lingüístico da gagueira. Propostas recentes de De Lemos também serão levadas em conta.

**Palavras-chave.** *lingüística; gagueira; fonoaudiologia.*

**Abstract.** The objective of this paper is to approach stuttering, in special child stuttering, from the point of view of the double nature of language, according to Jakobson. Jakobson stresses the importance and the contribution for Linguistics and for the understanding of language disorders that can stem from the “use of purely linguistics criteria to the interpretation and comprehension of aphasia”. Although a comparison between both pathologies would be wrong (stuttering is not of the same nature as aphasia), the consideration of Jakobson’s two axes of language may reveal relevant information about the linguistic behavior of the stutterer. Recents proposals from De Lemos will also be taken into account.

**Keywords.** *Linguistic; stuttering; speech therapist.*

## 1. Introdução

A definição de gagueira assenta-se sobre fenômenos lingüísticos observados ou sentidos na fala do gago: pausas, repetições, bloqueios, interjeições. Na clínica e literatura fonoaudiológica, os termos fluência, disfluência e gagueira são utilizados para descreverem momentos opostos de uma fala sentida como normal ou patológica: fluência - o estado ideal, gagueira - o extremo patológico. Para esses estudos, as disfluências infantis, ou

gagueira fisiológica, que são características consideradas normais da linguagem infantil, podem prenunciar a gagueira do adulto, patológica.

Em outras palavras, a criança disfluente pode dar lugar ao adulto gago, ou ao adulto fluente, isto é, a um estado estável em que a disfluência é considerada acidental, secundária e desviante da norma, pois, na fala adulta a fluência é uma abstração metodológica, baseada na leitura ensaiada ou "profissional" de um texto escrito ou em textos orais decorados e ensaiados. As mesmas categorias: repetições, interjeições, fala incompleta e retomada etc., estão presentes na fala do gago e do não gago (Scarpa, 1995).

Na literatura fonoaudiológica, os fatores lingüísticos são utilizados para definir a gagueira, para caracterizar os seus sintomas ou para medir seu grau de severidade. Porém, nessa mesma literatura, esses fatores lingüísticos ora são deixados de lado ora se confundem com o orgânico, o social e o emocional numa relação seja de causa ou de efeito.<sup>i</sup>

Vê-se, assim, que apesar de ser bastante explorado o conceito de disfluência na literatura fonoaudiológica, o objetivo de tais estudos, a gagueira, ainda é uma questão em aberto, apesar da profusão de abordagens pela qual tem sido estudada.

## **2. Analisando a gagueira de uma perspectiva lingüística**

Neste trabalho<sup>ii</sup>, a gagueira na criança está sendo pensada como o efeito que a sua fala promove sobre o seu próprio falar. Pereira de Castro (1998), ao discutir os conceitos de interpretação e os efeitos da fala da criança (título de seu trabalho), levanta questões que estão subentendidas nessa hipótese, dentre elas: "quais os efeitos de sua fala (da criança) sobre seu próprio processo de aquisição de linguagem?" (Pereira de Castro, 1998, p.85). A tensão entre reconhecimento e estranhamento está embutida no conceito de interpretação. O adulto interpreta a fala da criança a partir da tensão entre o reconhecimento na fala da criança de uma língua que lhe é familiar, está nele, e de um estranhamento provocado pelos deslocamentos dessa língua na fala da criança. Essa interpretação é possível porque o adulto - o Outro - é "instância de funcionamento de língua". E, diz ela, porque há língua. Essa existência permite estabelecer relações entre o heterogêneo na fala da criança, o erro, o insólito, o agramatical, mas materialmente possível da língua. Essa tensão está embutida no efeito da fala da criança sobre o adulto. O funcionamento de língua na criança e a tensão entre o reconhecimento e estranhamento vão se fazer sentir com as mudanças de relação da criança com a sua língua, quando, então, podemos sentir os efeitos que a sua fala promove sobre seu próprio falar.

Isso só pode ser visto no interior de uma proposta em que a aquisição da linguagem é entendida como um processo de subjetivação, ou de trajetória da criança de interpretado a intérprete (Lemos, 1999), trajetória essa descrita como mudanças de posição na relação da criança com a língua materna no percurso de sua constituição como falante. A primeira posição da criança na relação com a língua é da dominância da fala do outro. (Lemos, 1999). A segunda posição é marcada pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala. Nesta posição, os "erros" coincidem com a impermeabilidade da criança à correção do adulto. (Lemos, 1999, p. 13).

A terceira posição representa um deslocamento da criança, sujeito falante, em relação a sua própria fala e a fala do outro (Lemos, 1999). O "erro" comparece, porém, a criança é capaz de reconhecer a discrepância entre o que diz e o que deve dizer, ainda que não chegue à forma correta. As tentativas de reformulações/correções mostram mais do que a possibilidade da criança escutar na fala do outro uma interrogação sobre sua fala - mostra que essa escuta repercute sobre o que ela escuta de sua própria fala. A terceira posição é o da dominância do pólo do sujeito. Na fala da criança nesta terceira posição comparecem fenômenos como pausas, reformulações, correções eliciadas pela reação direta ou indireta do interlocutor. Esses fenômenos não ocorrem sempre onde se faria necessário e podem ocorrer quando não parecem necessários, não sendo, portanto, previsíveis<sup>iii</sup> como a noção de metachecimento, ou mesmo de monitoração da fala o exigiria. (Lemos, 1999, p.15).

A mudança no processo de aquisição de linguagem caracteriza-se, assim, como mudança de posição em uma estrutura cujos pólos são o outro, a língua, o próprio sujeito, mudanças que não se qualificam nem como acúmulo nem como construção de conhecimento. É a partir da compreensão dessa terceira posição que a gagueira na criança deve ser analisada: os momentos em que a criança revela que está à escuta da própria fala<sup>iv</sup>. São os momentos dos lapsos, desvios, hesitações, isto é, da produção de fenômenos que têm sido considerados desviantes, imperfeitos. Ressalte-se que, de acordo com esta proposta, o adulto, gago ou não gago, também se move nessa mesma estrutura enquanto “sujeito falante submetido ao funcionamento da língua”.

### **3. O duplo caráter da linguagem e a gagueira**

Neste momento, faço uma reflexão sobre a gagueira a partir da compreensão do duplo caráter da linguagem, conforme Jakobson (1970, 1971). Nesses trabalhos, Jakobson ressalta a importância e a contribuição para a lingüística e para a compreensão das perturbações da linguagem que podem resultar da “aplicação de critérios puramente lingüísticos na interpretação e classificação dos fatos da afasia” (Jakobson, 197, p.34). Neste caso, para a compreensão da gagueira e, conseqüentemente, para o trabalho clínico. No entendimento da afasia, Jakobson baseia-se nos dois eixos do funcionamento da linguagem, conforme proposto por Saussure: o paradigmático e o sintagmático. Esses são os dois eixos da estrutura da língua no qual se movem os falantes: eixo paradigmático - o eixo de concorrência das entidades simultâneas, e o eixo sintagmático - o eixo de concatenação das entidades sucessivas. Falar implica em combinação das partes constituintes selecionadas a partir daquilo que a língua (código) oferece como possibilidades. A combinação e a seleção são possíveis dentro dos limites ou restrições impostos pela língua. As restrições ou regras internas à língua, tornam a liberdade do falante sempre relativa, seja na seleção de qualquer uma das unidades lingüísticas (eixo das similaridades) seja na sua combinação em contextos maiores (eixo da contigüidade) (Jakobson, 1970, p. 52). Para o autor cada uma das unidades lingüísticas, fonema, morfema, palavra, sentença e discurso, em seu nível, é “qualitativa e estruturalmente diferente” dentro de uma escala hierárquica. Em outras palavras, trata-se de uma escala ascendente de liberdade que o falante possui para combinar as unidades lingüísticas. Essa liberdade atinge quatro diferentes graus, que vai da liberdade nula frente à combinação de traços distintivos em fonemas, ou nível de menor liberdade para o falante, mais restrito

pelas regras do código, aumentando gradualmente, até o grau de liberdade máxima ou nível do discurso.

A bipolaridade é uma característica do comportamento verbal normal, porém, o uso individual da língua pode por em tensão os dois pólos e tender à unipolaridade:

No comportamento verbal normal, ambos os processos estão constantemente em ação, mas uma observação atenta mostra que, sob influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência. (Jakobson, 1971, p. 56)

No que diz respeito aos distúrbios da linguagem, qualquer uma dessas operações, a seleção ou a combinação das unidades, pode estar mais afetada do que a outra. E qualquer perturbação que afete a hierarquia das unidades traz uma desorganização. A hierarquia tem um sentido organizador.

Jakobson discute o distúrbio de similaridade, eixo paradigmático, e o distúrbio de contigüidade, eixo sintagmático, nos casos de afasia. Não há como fazer um paralelo entre as duas patologias. Gagueira não é desordem de linguagem de mesma natureza da afasia. No entanto, uma reflexão a partir desses dois eixos pode trazer informações relevantes sobre o funcionamento lingüístico da gagueira.

O que se supõe, neste trabalho, esteja acontecendo com o gago é uma questão de seletividade, no nível dos fonemas ou no nível das palavras. A seleção parece estar afetada, não por uma dificuldade de acesso, como seria o caso nas afasias, mas porque o gago está “cristalizado”, ou aprisionado na escuta da própria fala. O ficar cristalizado em uma posição, ou terceira posição (Lemos, op cit), aprisiona o falante no eixo paradigmático, ou eixo da simultaneidade. Parece ser esse o trabalho lingüístico da gagueira. O eixo paradigmático se sobrepondo ao eixo sintagmático. Assim, perde-se o sentido.

Essa dificuldade de seleção põe em destaque o movimento, articulatório ou corporal, da fala do gago. Quando aprisionado, há um deslocamento do sentido para o movimento, para o corpo. O sentido fica suspenso. O ouvinte também fica preso ao movimento. Gera a tensão no corpo do falante que também se sobrepõe ao sentido. Gera tensão também no ouvinte; tanto é assim que uma das orientações de terapia é não deixar o gago perceber essa tensão. Quando um dos interlocutores traz de volta o sentido, o diálogo continua.

Com os não gagos, a “disfluência” não aprisiona. Falante e ouvinte estão no sentido. O sentido está em alta. O ouvinte apaga ou não percebe a disfluência. O movimento não tem destaque. Quando tem, logo se apaga novamente, ou algum comentário é feito.

Diante do exposto, percebe-se que a pragmática do gago frente a situações sociais é diferente do falante não gago. Este último volta e se explica. O gago não volta para explicar de uma outra maneira. Quando se liberta, vai em frente. O gago não diz outra coisa no lugar. Quando ele põe outra palavra no lugar, ele não gagueja. Por outra palavra no lugar significa acessar o eixo paradigmático como possibilidade real que esse eixo traz.

Note-se que a questão da hierarquia é relevante. Quanto mais próxima dos níveis mais baixos de liberdade está a dificuldade de seleção, mais tensão gera, seja no falante, seja no ouvinte. Quando preso no fonema, a liberdade do ouvinte parece ficar ainda mais perdida. É assim que o gago é imitado. E, curiosamente, o gago não repete uma frase inteira.

Vejamos os exemplos abaixo:

a) C. diz que "enrosca" com o "ca" e o "t". Após leitura de um texto em que apresenta bloqueio no início da palavra "Corinthians", para, olha para A e diz: "*ai, caramba. Enrosquei no Corinthians*".

b) Situação descrita por Pisaneschi (2001): paciente diz: "*eu nunca consigo falar José*", quando explica para a terapeuta que sempre gagueja ao pronunciar seu nome (José).

Esses são exemplos que mostram a criança saindo da posição de escuta da própria fala, para a posição daquele que escuta a língua.

Em (a) e (b) vê-se os sujeitos referindo-se à própria fala; revelando os efeitos de sua linguagem falando sobre a própria linguagem. Nessas situações os sujeitos não gaguejam. Elas são indicadoras do grau de consciência que eles têm de sua fala. Essa observação é um importante contraponto aos estudos que vêm na "conscientização" da gagueira um caminho para sua reabilitação.

Isso explica, também, pelo menos em parte, o fato de a gagueira sempre ser mais leve na clínica do que aquilo que é apresentado pela escola ou familiares. O clínico assume a postura de interlocutor e, com isso, dá continuidade ao diálogo. O clínico assume essa postura até mesmo por um embasamento na literatura que toma essa atitude como socialmente adequada, por explicar a gagueira como decorrente de fatores emocionais ou sociais.

#### **4. Conclusão**

Com o objetivo de analisar a gagueira, em especial a gagueira infantil, a partir de uma perspectiva lingüística, encontrou-se na proposta Interacionista de Lemos, exposta acima, uma possibilidade de interpretação para a gagueira infantil a partir da compreensão da terceira posição, quando a criança revela estar à escuta da própria fala. A gagueira infantil está, neste trabalho, sendo interpretada como um ficar "cristalizado" na tensão entre o reconhecimento e o estranhamento da própria fala (Pereira de Castro, 1998).

Essa cristalização parece aprisionar o falante no eixo paradigmático, ou eixo da simultaneidade, conforme Jakobson (1970, 1971), da seleção, que põe em destaque o movimento, gerando tensão, tensão no corpo que fala (conforme Pisaneschi, 2001). Essa tensão se faz sentir também no ouvinte e o sentido fica suspenso. Quanto mais ameaçada for a hierarquia das unidades lingüísticas, mais presos no movimento (falante e ouvinte) ficam.

Para finalizar, é importante salientar, que o objetivo deste trabalho foi o de expor algumas reflexões para o estudo da gagueira de uma perspectiva lingüística, como indicado em seu título, visando a contribuição da discussão sobre esse assunto tão estudado e que se apresenta ainda tão controverso quanto a gagueira.

---

<sup>i</sup> Para mais detalhes, encontra-se em Pisaneschi (2001) uma resenha criteriosa de diferentes estudos sobre a gagueira.

<sup>ii</sup> Este trabalho é parte do projeto de tese em andamento no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP, sobre a gagueira infantil em uma perspectiva lingüística. Estas reflexões foram feitas a partir das leituras e discussões enquanto cursando a disciplina Neurolingüística também no IEL.

<sup>iii</sup> Grifo meu. Ressalto aqui a imprevisibilidade ou a variabilidade dos sintomas da gagueira na fala de um sujeito em um mesmo episódio de fala. Os sintomas variam de sujeito para sujeito e a ocorrência também é intermitente – os gagos relatam, com frequência episódios em que não gaguejam.

<sup>iv</sup> Apenas como lembrete: na literatura fonoaudiológica encontra-se com frequência descrições de situações em que o gago, impedido de escutar a própria voz durante a leitura, não gagueja.

## Referências:

JAKOBSON, R. A afasia como um problema lingüístico. In: Lemle, M.; Leite, Y. (orgs) *Novas Perspectivas Lingüísticas*. p. 43-54, Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1970.

\_\_\_\_\_. *Lingüística e Comunicação*. p. 34-62, São Paulo: Cultrix, 1971

LEMOS, C.T.G. Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição de linguagem. Relatório Científico apresentado ao CNPQ, 1999.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 33, no. 2, p. 81-87, junho de 1998b.

PISANESCHI, E. Gagueira: disfluência sintomática. Dissertação de Mestrado. São Paulo, LAEL/PUC-SP, 2001.

SCARPA, E. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29, p. 163-184. Campinas: UNICAMP, 1995